

Data: 08.01.2021

Titulo: A SEXTA EXTINÇÃO AVANÇA EM PORTUGAL

Pub: **Expresso**

**QuickCom**  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 20;21



Águia-imperial

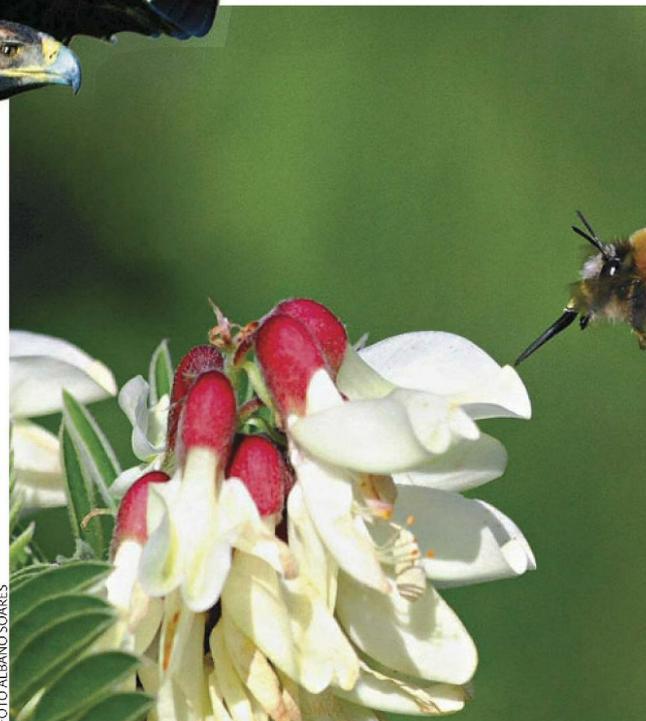


FOTO ALBANO SOARES



Grifo (à direita)



Tuberaria

FOTO WALTER JACINTO

# BIODIVERSIDADE A SEXTA EXTINÇÃO AVANÇA EM PORTUGAL

Várias espécies de anfíbios, aves e insetos estão a desaparecer em todo o mundo, incluindo em Portugal, com consequências que podem ser graves.

Texto CATARINA MALDADO

Área: 2763cm² / 107%

Tiragem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 7030071

Data: 08.01.2021

Titulo: A SEXTA EXTINÇÃO AVANÇA EM PORTUGAL

Pub: **Expresso**

**QuickCom**  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 20;21

janho de 2021

*Euplagia quadripunctaria*



**AMBIENTE**

INVESTIGAÇÃO

*Rhaponticum exaltatum*



*Anthophora hispanica*



Abutre-do-egito



FOTO PAULO VENTURA ARAUJO

*Omphalodes kuzinskyanae*

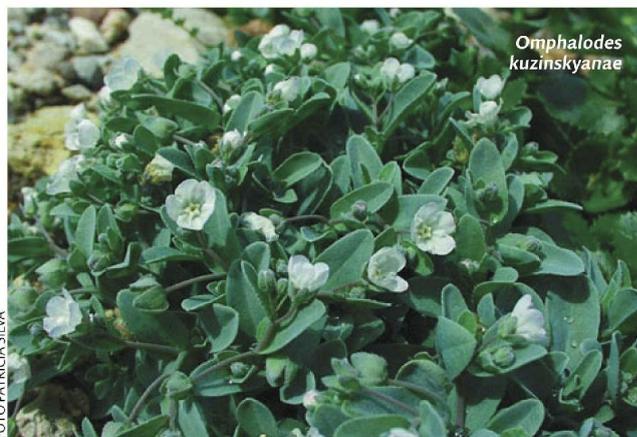


FOTO PATRICIA SILVA

Saramugo



# RSIDADE EXTINÇÃO NÇA TUGAL

tos estão a desaparecer rapidamente  
ortugal, por ação do Homem, com  
ramáticas para a vida na Terra

ONADO VASCONCELOS

Área: 2763cm² / 107%

Tiragem: 123.400

FOTO 4 Cores

ID: 7030071



**A**s memórias de David Wake dos piqueniques em família ao fim de semana estão impregnadas de um coxar próximo e da companhia não solicitada de pequenos sapos, na altura grandes de mais para os seus dedos de criança. “Já não é possível encontrá-los na Califórnia. Vê-los agora nas cidades é muito raro.” Ao rememorar esses tempos, em declarações ao Expresso, a evidência do avanço do urbanismo sobre os ecossistemas naturais abate-se sobre o professor emérito de Biologia e ex-diretor de herpetologia do Museu de Zoologia de Vertebrados da Universidade da Califórnia: “Estamos a viver a sexta extinção, que começou com a Revolução Industrial e aproxima-se do seu auge. Será evidente para todos, porque muitas espécies estarão extintas dentro de algumas décadas.”

Em Portugal, Luís Madeira de Carvalho, professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa, tem constatado a tendência. “Há alguns grupos que começam a ser bastante atingidos e não são muito falados, mas a sua extinção pode ter consequências dramáticas a vários níveis. Neste momento, os anfíbios — rãs, sapos, tritões, salamandras — estão a sofrer uma forte pressão.” Parte do problema reside num pequeno fungo, uma micose que afeta os órgãos osmorreguladores dos membros posteriores. A doença, provocada pela ação indireta do Homem, tem causado estragos em todo o planeta e chegou a Portugal nos últimos anos, “mesmo em populações de anfíbios muito isoladas, como na serra da Estrela”, alerta o investigador português. “Os animais acabam por morrer, porque não conseguem fazer a normal eliminação de produtos tóxicos”, explica.

O processo, ainda que pareça residual, desencadeia uma metamorfose radical nos *habitats*, sobretudo porque leva à disseminação de parasitoses, por eliminação de predadores naturais dos insetos vetores, diz o professor. “As pessoas podem perguntar: ‘Mas até que ponto espécies como as rãs têm influência no

equilíbrio dos ecossistemas?’ Têm muita, até porque são predadoras de insetos, que são transmissores de doenças para os animais e para os humanos.”

Luís Madeira de Carvalho é doutorado em Medicina Veterinária e sempre teve como *hobby* o estudo da ornitologia de campo e dos animais silvestres. Há 15 anos, propôs uma nova disciplina no curso em que lecionava ligada à medicina e conservação dos animais silvestres. Muitas universidades dos EUA, Canadá, América do Sul e Europa têm tido o cuidado de estudar esta área, aponta. “A pandemia vem alertar-nos para a importância desta componente. Agentes patogénicos passam de populações selvagens para domésticas ou para os humanos, e vice-versa. É um exemplo de desequilíbrio.



**Adonea algarvensis**

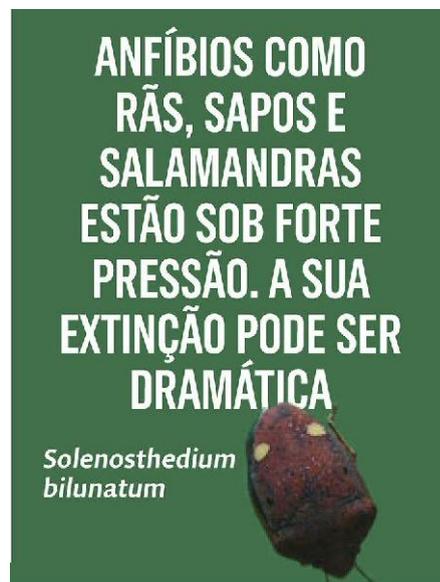
Já estávamos à espera de que uma situação destas ocorresse, mas não tão grave. Já tinha acontecido com o SARS-CoV-1.

Hoje em dia, um problema que se inicia num canto do planeta chega a todo o mundo.”

Se há 400 anos a circum-navegação demorava um ano inteiro e hoje é exequível em 24 dias, cada vez mais “estes problemas são globais” e já não se pode encarar as ameaças como inacessíveis ao “nosso pequeno retângulo”. Já não é possível dizer que “uma doença atinge apenas uma certa família de hospedeiros, porque facilmente os agentes ultrapassam os limites de transmissibilidade”, alerta o investigador.

É a mão humana que se move, de forma mais ou menos silenciosa, a precipitar o fim da linha para animais, plantas e fungos, como há 65 milhões de anos o impacto de um asteroide com 10 km de largura desencadeou os dias mais mortíferos da História do planeta. Hoje, o asteroide é o Homem, com duas diferenças fundamentais: é uma espécie apenas a interferir na vida de muitas, mas também numa só se concentra o poder de inverter o processo. Em Portugal, os esforços

são parcos: entre 381 espécies vegetais ameaçadas, só 8% foram alvo de medidas dirigidas de conservação. “O conhecimento da flora não está suficientemente divulgado e é difícil aplicar medidas de conservação. Foi feito um esforço ínfimo para preservação da nossa flora”, avalia André Carapeto, biólogo envolvido na catalogação da Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental. “É assustador. Quase metade (44% a 45%) da vegetação endémica de Portugal, espécies que são unicamente nossas, está em risco de desaparecer.”



**ANFÍBIOS COMO RÃS, SAPOS E SALAMANDRAS ESTÃO SOB FORTE PRESSÃO. A SUA EXTINÇÃO PODE SER DRAMÁTICA**

*Solenosthedium bilunatum*

**EFEITO BORBOLETA**

As plantas, ameaçadas pelos incêndios, pela agricultura intensiva, pelo desenvolvimento urbano e turístico e pela invasão de espécies não-nativas, são a peça de um dominó que, ao ser derrubada, alastra o rastilho das extinções em série. A Reserva natural da Faia Brava, encaixada no vale do Côa, é abrigo para mais de mil espécies. Os 600 hectares de bosque mediterrânico verde fazem esquecer por momentos o limiar de desaparecimento em que voam a águia-de-bonelli, a águia-real e o grifo. Carlos Pacheco tem-se dedicado a criar clareiras, caminhos e discontinuidades no terreno, que aumentam a resistência florestal aos fogos, e a recuperar aos poucos a fauna nativa. “O objetivo inicial era criar alguns pontos de preservação de espécies rupícolas [vegetação que se instala em *habitats*

Area: 2763cm² / 107%

Tiragem: 123.400

Foto: 4 Cores

ID: 7030071

rochosos, praticamente sem solo] para salvar os ninhos. Depois, passámos a fazer conservação, gestão e mesmo restauro dos *habitats*”, conta o biólogo responsável pela primeira reserva natural privada em Portugal. A recuperação da floresta atingiu o propósito: “O corvo era uma espécie que tinha desaparecido da região e entretanto voltou”; a águia-de-bonelli, a águia-real e o grifo também retornaram ao poiso antigo.

Gradualmente, a reserva tem vindo a ampliar-se com a compra de terrenos a privados que acreditam no projeto de conservação. Mas o oásis de conservação contrasta com a tendência global, reconhece o biólogo. “Não tendo a ser catastrofista, mas estamos a ver agora alterações muito profundas dos ecossistemas. Estamos a modificar os *habitats* de uma forma muito rápida e drástica, até à sua enorme simplificação, retirando-lhes alguns dos seus maiores valores, como a água — fortemente contaminada por químicos — e o solo.” Quase no fundo da cadeia alimentar, e sem a popularidade que reúnem os grandes vertebrados, os

corroboram: “Espécies mais pequenas, como os insetos, estão provavelmente mais ameaçadas do que julgamos, porque pouco sabemos sobre elas; há milhares de espécies para descobrir e muitas delas deverão estar em perigo. Não reparamos imediatamente no seu desaparecimento.”

No Centro de Conservação de Avis, em Portalegre, Patrícia Garcia Pereira dedica-se a estudar a diversidade de invertebrados de menor escala ao abrigo da associação Tagis, criada pela bióloga. “Se uma mosca tem milhares de crias, o que é preciso para dar cabo dela?”, atira. Há várias respostas. A extensão de estufas sem estratégia e o olival intensivo são apenas duas. Apesar de a generalidade das pessoas não reconhecer nestes seres vivos um papel de protagonismo na conservação, alvitra, “a extinção de uma espécie é já um processo suficientemente negativo”. Mas se mais argumentos forem necessários para corroborar a importância dos pequenos animais, Patrícia Garcia Pereira lembra que “invertebrados ameaçados” significam “um resultado extremamente gravoso para a qualidade do ambiente e para a reciclagem de nutrientes”, bem como o descarilamento de uma peça fulcral na rede intrincada dos ecossistemas.

Outro dos grupos mais ameaçados em Portugal é o dos peixes de água doce, devido à alteração do curso dos rios com a introdução de barragens, a cimentação nas margens e a invasão de espécies exóticas. Natasha Silva, envolvida no projeto LIFE Saramugo entre julho de 2014 e dezembro de 2019, revelou ao Expresso que o peixe apenas pode ser encontrado no Sul de Portugal (bacias do Guadiana) e em Espanha. No entanto, em cinco anos, a população de saramugos sofreu um decréscimo de 50% e os indivíduos não chegam aos 10 mil. Para Luís Madeira de Carvalho, os ambientes aquáticos encontram-se numa fase crítica. “Antes, as extinções tinham um ritmo próprio, mas agora o Homem está a acelerar o processo de uma forma brutal. O que está a acontecer com alguns mamíferos marinhos é assustador, bem como ao nível do banco de peixes e de invertebrados marinhos.”

#### AÇORES E MADEIRA, LABORATÓRIOS VIVOS

Rosa Pires, que esteve ao leme do projeto LIFE Madeira lobo-marinho, destinado a recuperar os menos de 30 mamíferos no arquipélago madeirense, lamenta os retrocessos dos vertebrados, que só naquela zona subsistem em Portugal. A perda do *habitat* natural e a posterior realocação num *habitat* “subótimo” deveu-se, sobretudo, à adoção de comportamentos adaptados em resposta a perseguições dos seres humanos. “Em 2016, encontramos uma armadilha para lobos-marinhos, e chegámos a encontrar um animal com ferimentos causados por pessoas.” Deslocados para grutas, onde restauraram alguma confiança, os lobos-marinhos são fotografados para efeitos de monitorização da população, ao largo



de 37 km, com câmaras que captam imagens hora a hora.

“Nos *habitats* insulares, há uma diminuição da biodiversidade em várias categorias. Ainda não se sabe bem o impacto que têm tido as alterações climáticas, e o equilíbrio entre espécies endémicas e invasoras é várias vezes posto em causa. Há todos os ingredientes para que a degradação continue a agravar-se”, diz Rui Botelho, biólogo responsável pelo projeto LIFE Priolo. “É cada vez mais premente salvar as espécies e os *habitats* que se têm mantido com toda a resiliência, especialmente nos ambientes insulares, que são apontados por muitos investigadores como



insetos podem ser a chave para que todo o sistema comece a “colapsar”, assegura. “Pensamos na extinção em massa dos animais de grande porte, mas esquecemo-nos dos animais pequeninos, com relações cruciais nas cadeias alimentares.”

David Williams, investigador do Museu de História Natural de Londres,

sendo de grande risco.”

Madeira e Açores são, por isso, um “laboratório para a demonstração do impacto das alterações climáticas”, com alterações climáticas “extremas” em *habitats* “mais sensíveis”, com muito impacto humano e com invasões biológicas, agudizadas pela globalização. O priolo, ave que o biólogo protege há vários anos, só é encontrado na parte este da ilha de São Miguel — “é como uma ilha dentro de uma ilha”. Quando a intervenção foi iniciada, a espécie estava “criticamente ameaçada” (com menos de 400 indivíduos na natureza e zero em cativeiro). “Neste momento, já temos uma população estável — já desceu dois níveis na escala de risco, é agora categorizada como vulnerável —, com cerca de mil indivíduos”, regozija-se.

Rui Botelho acredita que o Governo Autónomo dos Açores tem sido “excecional” na forma como, “ao longo dos últimos 20 anos, tem cofinanciado ativamente os projetos de conservação, compreendendo os seus benefícios”, que não se extinguem na manutenção da harmonia entre espécies. “Tivemos o trabalho de demonstrar às populações que o investimento não era apenas depositado na conservação da espécie, mas também em valores essenciais para o território, como a água, a monitorização de áreas mais propícias a ser depositadas e o emprego. Feitas as contas, mais de 70% do dinheiro investido implicavam também vantagens para o território.”

As críticas sobem de tom quando se fala dos programas de ecologia de Portugal continental. Para Rui Botelho, “não tem havido o devido apoio institucional, o que coloca as ONG em situações muito delicadas de terem de optar por submeter, ou não, alguns projetos a candidatura”. O biólogo considera que a conservação “tem de ser repensada” a médio e longo prazo, uma responsabilidade que remete ao Estado. “Deveria ser esta a forma de pensar a nível nacional, mas no continente vemos todos os anos milhares de hectares a desaparecerem, o que não antecipa um bom futuro para os *habitats* florestais. Há uma clara falta de visão do Governo nacional.”

## CORTAR TODAS AS FLORES É “IMPEDIR A PRIMAVERA”

Paulo Domingues, da Associação Cabeço Santo, tinha, como os membros inaugurais da Quercus, um ideal “romântico”: travar a alteração da paisagem, que começou a olhar, em Belazaima do Chão, Águeda, com “sensibilidade”. Durante 15 anos, entre 1990 e 2005, dedicou-se, de forma autodidata, a reconverter o eucaliptal em vegetação autóctone. Do alto das escarpas onde principia o Caramulo, Paulo Domingues mitigava os grandes obstáculos. “Acreditava que com voluntariado se conseguia tudo, mas há coisas que os voluntários não podem fazer, sobretudo com as máquinas. Precisando de profissionais, passamos a precisar de dinheiro, e torna-se tudo mais difícil...”

Nos primeiros anos, a Câmara Municipal de Águeda apoiou o projeto com €7500. Em 2009-2010, o projeto foi bem-sucedido numa candidatura à antiga EFTA. O sonho era conseguir desenhado corredores ecológicos de 4 km ao longo dos principais vales da mata de 600 hectares, sem plantação de eucaliptos, e com isso mudar a geometria da floresta até ao ribeiro, onde formas de vida animal proliferam entre vegetação nativa. “Acho que tem de se começar assim, a tentar fazer em pequena escala, até porque temos muito território na mão dos privados”, declara, enquanto contempla uma escarpa onde acácias e rosmaninho competem ainda.

Trata-se de um efeito borboleta, que poderá fazer cair por terra muitos dos ambientes que hoje o ser humano conhece. Michael Benton, professor de Paleontologia de Vertebrados da Universidade de Bristol, considera, em declarações ao Expresso, que só os Governos podem inverter o ritmo de extinção, “provocando mudanças mais rapidamente”. No entanto, a preservação da biodiversidade não tem encontrado a “primavera da vida” em Portugal, com associações a terem de arcar com 25% das despesas totais; os restantes 75% são deixados a cargo da Comissão Europeia.

“Lamentamos imenso que o Estado não apoie o cofinanciamento, porque

estes projetos têm um tremendo impacto não só ao nível da conservação, como ao nível da criação de emprego e do desenvolvimento regional”, critica Jorge Palmeirim, presidente da Liga de Proteção da Natureza. São fatias de “centenas de milhares de euros”, pelo que o biólogo caracteriza como “particularmente estranha” a desresponsabilização dos sucessivos Governos. “Os impostos frutos desses investimentos retornam ao Estado praticamente na totalidade.”

O professor do Departamento de Biologia Animal da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa analisa, com tristeza, que a conservação da natureza tem sido vista como um “enteado” nas contas do Estado. “A diretiva Habitats obriga a que os Estados-membros mantenham as áreas que classificaram como Rede Natura 2000 em boas condições de conservação, e o Estado português não o tem feito.” Aliás, aponta Jorge Palmeirim, em setembro de 2019 “o Estado português foi considerado culpado por desprezar a diretiva do Tribunal Europeu de realizar os planos de gestão das áreas Rede Natura 2000”. Espécies como o rolieiro, que se encontra “muito ameaçado”, nem sequer têm merecido programas de preservação, exemplifica.

sociedade@expresso.impresa.pt

Coenagrion  
mercuriale

A ALTERAÇÃO DO  
CURSO DOS RIOS FAZ  
DOS PEIXES DE ÁGUA  
DOCE OUTRO DOS  
GRUPOS MAIS  
AMEAÇADOS  
EM PORTUGAL

